

## A DIMENSÃO PATRIMONIAL DA PAISAGEM: PERSPECTIVAS DE UMA CATEGORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL

*Yuri Potrich Zanatta*

*Universidade Federal da Fronteira Sul*

*yuripotrichzanatta@hotmail.com*

*Eixo 6: Ciências Sociais Aplicadas*

**Resumo:** O presente trabalho aborda a noção de paisagem como uma alternativa de preservação de objetos complexos, considerando a existência de patrimônios culturais que configuram um sistema de interação entre ambiente natural e atuação humana e que não podem ser apreendidos separadamente. Para além do conjunto monumental construído ou do seu entorno, considerar a paisagem como um fator patrimonial evidencia a relação cultural existente entre a população e as particularidades do meio em que ela se insere. Assim, são apresentados alguns exemplos dessa relação sociedade-paisagem, como os terraços de arroz das cordilheiras Filipinas, o sistema rodoviário inca Qhapaq Nãn e as reduções jesuítico-guaranis de São Miguel das Missões.

**Palavras-chave:** Patrimônio histórico. Políticas públicas. Missões jesuítico-guaranis.

### Introdução

A paisagem é um tema amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento, com inúmeras e distintas abordagens nos diferentes campos: ciências naturais e humanas, artes e filosofia. Para Adriana Serrão (2013), o olhar para a paisagem trata de uma noção que surge na modernidade com o intuito de reconectar o homem com a natureza depois da separação ontológica entre sociedade-natureza decorrente da evolução técnica e tecnológica.

A paisagem aparece primeiramente nas artes, através de pinturas que embelezavam os salões e corredores dos grandes palácios, e posteriormente adentra o campo científico através da geografia, como um retrato do território, uma imagem das posses do país que pode ser catalogada para usufruto em diferentes finalidades – apropriação dos recursos, planejamento regional, estratégias de guerra. Como os estilos arquitetônicos são o retrato de um momento histórico, de uma relação social existente em determinado espaço e em determinado tempo, a

paisagem seria o retrato do território e dos recursos naturais disponíveis para apropriação dos Estados.

No campo da paisagem cultural, temos a ideia de que a paisagem configura a marca da intervenção humana no espaço, sendo modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural, em uma relação onde a cultura é o agente, a área natural é o meio e a paisagem cultural configura o resultado dessa interação (SAUER, 1998). Dessa maneira, a paisagem cultural se expressa como um “testemunho do trabalho do homem, de sua relação com a natureza, como um retrato da ação humana sobre o espaço” (RIBEIRO, 2007, p. 14). Portanto, como expressão da cultura e da identidade, podemos considerar a paisagem como um objeto a ser preservado, ou seja, um fator patrimonial que manifesta as marcas da ocupação humana, seus modos de agir, intervir e relacionar-se com o meio em que está inserido.

Nesse sentido, Kohlsdorf (2001) afirma que paisagens são patrimônio material da sociedade que

se apresenta aos indivíduos por meio de sua forma física e perceptível a qual, em se tratando de lugares, os expõe, informando sobre a vida social nos mesmos e interagindo com os indivíduos que neles estão. [...] A paisagem cultural elevada a bem preservável transmite uma condição patrimonial para sua forma e justifica os cuidados com a mesma. Pois, em se mostrando o bem através de sua configuração, ela é o veículo de transmissão da identidade e da história do mesmo, sendo o meio pelo qual se contam fatos, processos e práticas (KOHLSDORF, 2001, p. 190-191).

Aziz Ab’Saber (2003, p. 9) também a define como uma herança de diferentes processos naturais e culturais e um “patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades”, atribuindo, como Kohlsdorf, uma forte ideia de responsabilização das populações para com a preservação e a valorização desses bens culturais.

Tendo em vista o que foi exposto, o presente trabalho intenciona discutir as implicações de considerar a paisagem como um bem patrimonial, na perspectiva de que ela pode ser tratada como uma categoria alternativa para a preservação de objetos complexos e considerando que existem modos de intervir que não se expressam nas edificações ou apenas nas edificações e sim em todo um sistema que abarca o meio natural e a atuação humana, configurando paisagens culturais.

## A dimensão patrimonial da paisagem

Qual seria a diferença entre preservar o patrimônio edificado e preservar a paisagem patrimonial? Existem distinções entre abordar o conjunto urbano ou o próprio monumento histórico que se configura como um conjunto de edificações – como as ruínas de Pompeia ou Machu Pichu – e abordar a paisagem como o fator patrimonial: preservar a paisagem implica reconhecer que determinado monumento histórico só faz sentido no seu modo de relação com o ambiente natural em que está inserido. Assim, o fator patrimonial ultrapassa a técnica construtiva em si e considera todo o processo simbólico da aplicação da técnica em determinado ambiente.

Assim, trazemos para a discussão alguns exemplos que consideramos objetos patrimoniais complexos que não poderiam ser tomados isoladamente, senão pela preservação da paisagem. O primeiro é o complexo paisagístico formado pelos terraços de arroz nas cordilheiras das Filipinas (Imagem 1), uma expressão da técnica agrícola em conformidade com o ambiente natural que gera um marco paisagístico único de harmonia da humanidade com o meio ambiente.

Imagem 1: Arrozais em Terraços nas Cordilheiras das Filipinas, Patrimônio Mundial da UNESCO<sup>1</sup>



(Fonte: Wikimedia Commons)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Outro caso é o sistema rodoviário andino dos povos Incas (Imagem 2), que configura mais de 30.000km de estradas distribuídas no noroeste da Argentina, Chile, Peru, Equador, Bolívia e sul da Colômbia que permitia a circulação pelas diferentes regiões do Império. Que categoria de preservação poderia ser elencada a esses dois complexos, senão a paisagem? Não é um ambiente natural pois foi modificado pelo homem, com claras marcas da atuação humana no espaço; e também não configura um elemento edificado com apreensão completa em si, mas trata-se, sim, de uma expressão da atuação humana no espaço, expressão de técnicas e tradições vernaculares próprias de determinada região.

Imagem 2: Inca Naani e Ushu de Soledad de Tambo, partes do Qhapaq Nãn, sistema rodoviário andino dos povos Incas na América do Sul, Patrimônio Mundial da UNESCO



(Fonte: Wikimedia Commons)<sup>3</sup>

No Brasil, um exemplo notável é o complexo cultural composto pelas ruínas das Missões Jesuítico-Guaranis, especialmente as ruínas da redução jesuítica de São Miguel Arcanjo (Imagem 3), localizado em São Miguel das Missões-RS. As missões jesuíticas eram uma estratégia de catequização pela religião cristã sobre povos originários de diversas partes do globo (CORDEIRO, 2016), que, no Brasil, tiveram maior expressão sobre os povos Guarani, no sul do país. As reduções eram assentamentos urbanos que visavam uma maior

---

<sup>2</sup> Domínio comum. Link de acesso:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banaue\\_Rice\\_Terraces,\\_Ifugao.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Banaue_Rice_Terraces,_Ifugao.JPG)

<sup>3</sup> Domínio comum. Link de acesso:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inca\\_Naani\\_\(Camino\\_Inca\)\\_y\\_Ushnu\\_de\\_Soledad\\_de\\_Tambo.jpg?uselang=pt-br](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inca_Naani_(Camino_Inca)_y_Ushnu_de_Soledad_de_Tambo.jpg?uselang=pt-br)

imersão e controle cultural dos povos indígenas que viviam sob domínio dos padres jesuítas. Nessas reduções, a igreja servia como pano de fundo de todo o assentamento, sendo uma das arestas da praça central da cidade que distribuía toda a organização espacial, compondo um cenário para a vida cotidiana dessa experiência única de hibridização cultural (GUTIERREZ, 1987).

Imagem 3: Ruínas de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, RS, Brasil, Patrimônio Mundial da UNESCO



(Fonte: Wikimedia Commons)<sup>4</sup>

Ora, tendo em vista essa complexidade, como poderíamos preservar os remanescentes das reduções jesuíticas senão pelo componente da paisagem? Como manter o cenário da vida cotidiana, os simbolismos presentes na organização do espaço, senão considerando todo o sistema que compunha esse sítio, desde as ruínas, os marcos e monumentos criados pelos colonizadores e colonizados, e também a relação paisagística que existia entre edifício e ambiente? Para compreender o assentamento urbano, a dinâmica social e cultural que existia nessa relação, ou seja, a real marca dessa experiência social no espaço, é preciso que se entendam os modos de apropriação do ambiente e os significados por trás das escolhas

---

<sup>4</sup> Domínio comum. Link de acesso:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja\\_de\\_S%C3%A3o\\_Miguel,\\_em\\_S%C3%A3o\\_Miguel\\_das\\_Miss%C3%B5es,\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul,\\_Brazil.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_de_S%C3%A3o_Miguel,_em_S%C3%A3o_Miguel_das_Miss%C3%B5es,_Rio_Grande_do_Sul,_Brazil.png)

construtivas, sendo importante considerar o aspecto da produção paisagística, para além dos monumentos históricos edificados.

## Conclusão

A paisagem configura uma alternativa de patrimonialização de objetos complexos – para além do conjunto monumental construído ou de seu entorno, ter a paisagem como um fator patrimonial evidencia a relação cultural existente entre a população e as particularidades do ambiente em que ela se insere. Além disso, considerar a paisagem como um elemento patrimonial para as políticas públicas de preservação implica no reconhecimento de uma produção coletiva do espaço, valorizando concomitantemente a comunidade que a criou, os componentes naturais e o produto dessa relação. Ao atribuir ao conjunto paisagístico uma dimensão patrimonial, seguiremos rumo ao sentimento de coletividade do patrimônio e à responsabilização e dever social de salvaguarda dos bens que são expressões da sociedade e, assim, a tão almejada relação harmônica do homem com seus pares e com a natureza.

## Referências

AB’SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios da Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CORDEIRO, Tiago. **A Grande Aventura dos Jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.

GUTIERREZ, Ramon. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: UNESCO, 1987.

KOHLSDORF, Maria Elaine. Percepção e preservação da paisagem cultural. **Olam – Ciência & Tecnologia**. UNESP, v. 1, n. 2, p. 187-211. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/11760>. Acesso em: 07 maio 2020.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Paisagem: natureza perdida, natureza reencontrada? **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**. Brasília, n. 2, ano 1, p. 7-27, 2013.